



Ocamponês

ORGÃO DE UNIDADE DOS CAMPONESES DO SUL

Companheiros!

Lutemos pelo aumento das jornadas e salários, pela conquista e garantia da jornada de 8 horas, por trabalho todo o ano, contra o emprego de máquinas enquanto houver braços parados.

CEIFEIROS E CEIFEIRAS LUTEMOS POR MELHORES JORNAS NAS CEIFAS!

O custo de vida não pára de subir e alguns gêneros de primeira necessidade faltam no mercado. Com as míseras jornadas que recebemos cada vez compramos menos do indispensável para podermos viver. Os aumentos de jor-

nas que conquistamos com a nossa luta são rapidamente ultrapassados pela subida do custo de vida. A fome aumenta nos nossos lares. A diferença entre a miséria em que vivemos e a abundância em que vivem

os nossos exploradores é cada vez maior. Não temos outro caminho a seguir senão o da LUTA CONSTANTE, ORGANIZADA e FIRME para melhorarmos as nossas condições de vida.

Organizemos a nossa luta

Aproximam-se as ceifas. Os grandes agrários, protegidos pelo governo fascista, que ainda o ano passado receberam 30 mil contos para a compra de máquinas, preparam-se para nos impôr jornadas de fome e más condições de trabalho. Só com a ACÇÃO UNIDA e ORGANIZA-

DA, que mobilize todos os trabalhadores das nossas terras, assim como os ranchos que vêm de outras regiões, inclusive os comerciantes, podemos fazer recuar os planos dos agrários e seus representantes. Para isso é necessário fazermos desde

já reuniões de ceifeiros onde discutamos e assentemos no caminho que nos conduza á vitória.

Formemos comissões de unidade com homens e mulheres capazes de nos orientarem e concentremo-nos nas Praças de jorna.

LUTEMOS POR 60\$00 PARA OS HOMENS E 40\$00 PARA AS MULHERES

Em todas as nossas reuniões e conversas, a palavra de ordem deve ser: 60\$00 PARA HOMENS E 40\$00 PARA MULHERES LOGO DE INÍCIO E COM O HORÁRIO DAS 8 HORAS. Os ceifeiros devem impedir o emprego das máquinas enquanto houver braços parados.

Onde os agrários teimarem em utilizar as máquinas, ou deixarem estragar as searas por não quererem dar trabalho e pagar melhores jornadas, rodeemos as máquinas, chame-mos os tractoristas a solidarizarem-se connosco e não permitamos que

elas trabalhem enquanto houver braços parados.

Se não formos atendidos não nos deixemos morrer à fome! UNIDOS COMO UM SÓ HOMEM VAMOS BUSCAR O COMER ONDE O HOVER!

VIVA O 1º DE MAIO

OPERÁRIOS AGRÍCOLAS! O 1º de Maio é nosso. Comemoramos o DIA DOS TRABALHADORES. Foi em 1886 que 40 mil operários de Chicago (América) se lançaram pela primeira vez em greve pelas 8 horas. Cerca de 100 foram mortos e mais de 500 feridos pela polícia. A luta pelas 8 horas ganhou o proletariado do mundo inteiro e a partir de 1891 o 1º de Maio passou a ser o Dia Internacio-

nal dos Trabalhadores. O 1º de Maio passou a ser um dia de luta pela unidade da classe operária, um dia de luta pelo Pão, pela Paz, pela Liberdade, pela Democracia e pelo Socialismo.

Em Portugal não há liberdade. Os trabalhadores sofrem a opressão de uma ditadura terrorista. Não podem festejar livremente o seu Dia. Porém, resistindo à repressão fascista, os trabalhadores vão toman-

do o 1º de Maio nas suas mãos, transformando-o não só num dia de luta pelas suas reivindicações económicas, como num dia de luta aberta pela Liberdade, pela Democracia e pelo fim do fascismo.

TRABALHADORES DO CAMPO! O 1º de Maio é um dia particularmente lembrado por vós. Há 4 anos que num potente movimento de 200 mil trabalhadores de to-

(continua na 4ª pág.)

AS NOSSAS LUTAS E OS NOSSOS PROBLEMAS

Os tiradores de cortiça à falca da região de S. Tiago do Escoural, S. Sebastião, Boa Fé e Ribeira Brava conquistaram a jorna de 40\$00 com o horário das 8 horas. Para fora das suas respectivas regiões exigem 50\$00. Recentemente, um agrário do Torrão contratou um rancho de 50 homens pela jorna de 50\$00. Pagou-a até ao Carnaval, mas por esta altura resolveu baixá-la para 45\$00. Os trabalhadores recusaram-se a pegar no trabalho, tendo o agrário ido à Ribeira Brava contratar outros trabalhadores ao preço que ele pretendia. Ao fim da primeira semana, como os homens que contratou não fossem suficientes teve de dar os 50\$00 se quis mais trabalhadores.

Para impedir que os agrários nos dividam na luta pela satisfação das reivindicações por que lutamos, devemos formar Comissões de Unidade com homens combativos e dispostos a unificar a luta não só nas nossas terras, mas de toda a região e, inclusive, com os ranchos de outras regiões, que os agrários venham a contratar. Quanto mais unidos estivermos na luta mais força teremos para impôr as nossas reivindicações ao patronato.

VENDAS NOVAS — Um rancho de mulheres, que trabalhava no amanho das terras do arroz na Herdade dos Carvalhais a ganhar a jorna de 17\$00, exigiram 20\$00. Como o José Calção não quisesse pagar mais que 18\$00 abandonaram o trabalho.

Trabalhadoras da região de Vendas Novas! A forma de luta a que as vossas companheiras recorreram para conquistarem a jorna de 20\$00 é uma prova do seu elevado espírito de classe. Segui-lhes o exemplo e fazei dele a vossa bandeira. Se vos mantiverdes unidas e firmes assim como elas estão, venci-veis.

— Nesta região o pinhão descascado está a ser pago entre 40 a 60\$00 o saco. Apesar de trabalharem de empreitada, os trabalhadores mantêm firmemente o horário das 8 horas. Em Alcácer do Sal, no mesmo trabalho, o preço, tem andado à volta de 55\$00.

Dada a violência deste trabalho, os trabalhadores devem exigir um aumento de 10\$00 em sacco. Mesmo com este aumento, os exploradores ainda ficam com um lucro de 230\$00,

quase 3 vezes e meio mais do que aquilo que pagam, em sacco.

— NA EMPRESA GERAL DE TRANSPORTES, trabalham cerca de 30 homens. O seu salário não chegava a 29\$00. Recentemente conseguiram um aumento de 2\$00. Apesar da escassez do pessoal, a Empresa não admite mais operários e tenta aumentar os ritmos de trabalho. Lutando contra esta situação, os trabalhadores estão a fazer «cêra».

A forma de luta a que os operários desta Empresa recorreram é uma pronta resposta à ganância dos seus exploradores, que não querem ver os seus lucros reduzidos. Há que prosseguir na luta por novos aumentos de salários e contra a intensificação do trabalho.

— Os agrários desta região procuram, por todos os meios, arrendar as lavras de arroz pedindo 4.500\$00 por hectar. Por não encontrarem rendeiros para elas alguns têm deixado as terras por cultivar como é o caso da Herdade dos Carvalhais, do engenheiro Santos Fernandes com 1.700 hectares, o Monte Novo e a Herdade dos Palhavs com mais de mil hectares, onde se vêem apenas mato e sobreiros. Os que as cultivam, estão a comprar cada vez mais maquinismos de todos os géneros. O desemprego por essa razão tem crescido assustadoramente.

POCEIRAÇ — O Jerónimo Tiago, grande produtor de vinho, comprou um esmagador para esmagar a vide depois da vinha podada. Anteriormente ele contratava para os trabalhos da vinha durante uns 2 meses e meio 70 a 80 mulheres das quais 25 a 30 para a apanha da vide. Agora com a máquina só contrata umas 40.

Trabalhadores da região de Vendas Novas e Poceirão! Os grandes agrários para não pagarem maiores jornas e forçarem-nos a aceitar as terríveis condições que eles pretendem impôr, recorrem às máquinas ou mantêm em completo abandono boas terras, que proporcionariam trabalho a centenas de trabalhadores desempregados. Recorramos a todos os processos que estejam ao nosso alcance para impedirmos que as máquinas trabalhem enquanto houver trabalhadores sem trabalho! Organizemos concentrações e marchas de fome

junto da Câmara, da Casa do Povo e das autoridades locais. Exijamos Pão, e trabalho nas herdades cuja terra se encontra completamente abandonada. Se as nossas reclamações não forem satisfeitas vamos buscar o comer onde o houver.

PÉGÕES — Os colonos da Junta de Colonização Interna estão bastante descontentes e preocupados com a situação que a Adega Cooperativa lhes criou. Apesar da Adega se comprometer em lhes pagar o vinho de ano a ano, desta vez já lá vai mais de um ano sem que os colonos vejam o seu dinheiro.

Colonos de Pégões! Há precisamente um ano que, com a vossa luta, arrancasteis à Adega 2.000 contos referentes ao vinho de 1963. Mais organizados e mais unidos recorrei aos mesmos processos de luta, que vos deram a vitória no ano passado.

AVIS — Um tal Carvalho, negociante de lenhas, pretendeu contratar um rancho de trabalhadores desta terra com a jorna de 30\$00 de sol a sol. Como estes exigissem 35\$00 e as 8 horas, foi a Benavila buscar um rancho de 28 homens e 6 mulheres, que trazia por sua conta num outro trabalho a ganhar a jorna de 30\$00 de sol a sol. Ao chegarem a Avis, souberam os motivos porque o patrão os tinha ido buscar. Imediatamente exigiram as mesmas condições que os trabalhadores de Avis reclamavam. O Carvalho recusou-se a satisfazê-las e eles voltaram para Benavila onde exigiram, no mesmo trabalho em que andavam, os 35\$00 e as 8 horas. Perante a recusa deste, abandonaram o trabalho.

Trabalhadores de Benavila! A vossa luta, foi um belo exemplo de solidariedade proletária. Alargai-a a toda a região pela conquista e consolidação das 8 horas e por aumento de jorna.

MONTEMOR-O-NOVO — 15 homens, que andavam a esgalhar árvores com a jorna de 37\$50 por conta do agrário Francisco Malta, foram junto dele exigir um aumento de 2\$50. Vendo a firme disposição dos trabalhadores, que o ameaçaram de abandonar o trabalho caso não fossem atendidos, o agrário Malta não teve outro remédio senão dar o aumento.

Lutemos por uma jorna mínima

DE 50\$00 PARA HOMENS E 40\$00 PARA MULHERES

nos trabalhos do arroz



Aproximam-se os trabalhos do arroz. Capatazes e manageiros começam a contratar pessoal. Como nos outros anos, os patrões usarão as mesmas manobras para nos sujeitarem a jornadas de fome. É antes de partirmos das nossas terras que devemos organizar a luta contra as jornadas e condições miseráveis que os patrões nos querem impôr.

O custo de vida sobe a um ritmo alarmante. Os géneros de que precisamos para viver custam muito mais este ano do que no ano passado. As jornadas não podem nem devem ser iguais às dos anos anteriores. Devemos partir das nossas terras com jornadas e condições de trabalho já assentes. Exijamos logo de início 50\$00 para homens e 40\$00 para mulheres.

Façamos reuniões e falemos uns com os outros no sentido de organizarmos a nossa luta.

Levemos «O Camponês» para os ranchos e discutamo-lo aí. Lembremo-nos que os trabalhos do arroz não podem esperar. Se nós não aceitarmos jornadas de fome e más condições de trabalho, os patrões não terão outro remédio senão ceder.

Trabalhadores da região do Sado! Lutai por esta jorna. Nada justifica que os vossos salários sejam inferiores aos de outras regiões.

Trabalhadores do arroz! Nós somos todos explorados da mesma maneira. Por isso, nada deve impedir-nos de lutarmos unidos. Desunidos na luta nada valem, mas todos unidos, como fizemos em Maio de 1962 ao impôr-mos o horário das 8 horas, somos uma força que nenhum patrão conseguirá vencer.

UN!DOS E ORGANIZADOS, CONQUISTAREMOS AS Nossas REIVINDICAÇÕES!

Tiradores de cortiça

Nos princípios de Junho começam as tiradas de cortiça. Recusemo-nos a fazer este trabalho por menos de 55\$00 e as 8 horas.

O ano passado, apesar da resistência dos agrários, que chegaram a fazer reuniões nas Casas do Povo, procurando levar os presidentes das Camáras a impedir que se pagassem jornadas superiores a 45\$00, os tiradores de cortiça exigiram e conquistaram os 50\$00.

O que os agrários se esqueceram, foi de que nós, quando estamos unidos na luta, somos uma força muito superior à deles e temos todas as condições de os obrigar a satisfazer as nossas reivindicações. Esqueceram-se, que ainda não têm máquinas para tirar a cortiça dos

sobreiros, nem podem mandar tirá-la por trabalhadores, que não sabem fazer este trabalho e ela tem que ser tirada no princípio de Junho a meados de Agosto.

Companheiros alentejanos, ribatejanos e algarvios! Todo este conjunto de condições favoráveis à nossa luta de nada servirá se não nos soubermos organizar e unir. Começemos já a fazer reuniões, a falar uns com os outros e assentemos nas formas de fazer chegar a todas as localidades a palavra de ordem de nenhum trabalhador pegar no machado para tirar cortiça por menos de 55\$00 e as 8 horas. Formemos Comissões de Unidade com homens dispostos a orientar a nossa luta e a estabelecer a unidade com os trabalhadores das povoações vizinhas.

As nossas jornadas cada vez se distanciam mais da carestia da vida.

Impõe-se que nos unamos e lutemos para as fazer subir.

AVANTE PELA JORNA MÍNIMA DE 55\$00 E AS 8 HORAS ONDE ELAS AINDA NÃO FORAM CONQUISTADAS.

ABAIXO AS TORTURAS

GASTIGO PARA OS CARRASCOS!

António Rosado Sombreiro, é um jovem de 20 anos, de Águas de Moura. Bastante novo começou a lutar pela vida e a sentir na sua carne os efeitos da exploração capitalista. Por não ter trabalho na sua terra, estava a trabalhar em Benavila, como ajudante de sarralheiro. Em meados de Junho de 1965, foi preso nesta localidade pela G.N.R. de Avis e levado para a sede da PIDE, em Lisboa. Logo que chegou a este antro de crimes de toda a espécie, foi brutalmente torturado por um grupo de bandoleiros da PIDE, durante 9 dias e noites, em que não o deixaram dormir e o fizeram passar fome. Ao fim destes 9 dias, levaram-no para Caxias para, dois meses depois, o irem buscar e submeterem a mais refinadas torturas. Desta vez, e durante 14 dias e noites, os seus carrascos, além de não o deixarem dormir, obrigaram-no a estar 3 dias de pé, sem comer. Nestas sessões de torturas, em que se destacou o agente José Serra, foi bárbaramente espancado todo nú a cavalo marinho, a murros e pontapés. Agararam-no pelos pés e puseram-no de cabeça para baixo. Depois destes selváticos espancamentos ficou com o corpo todo negro. Com todas estas monstruosas torturas, ameaças de morte e falsas promessas que lhe faziam, os carrascos da PIDE não conseguiram convencer este digno jovem, filho e irmão de operários agrícolas que, também se encontravam presos, a colaborar com eles na sua criminoso actualção. Ele não quis vender o seu futuro pelo miserável nome de traidor à sua classe. Ao fim de 6 meses de prisão e de todas estas torturas, António Sombreiro, que antes de ser preso era saudável, foi libertado com a saúde abalada.

«O Camponês» apela para que todas as pessoas de coração, todos os democratas, advogados e médicos, intensifiquem as acções de solidariedade e protesto contra o agravamento das torturas infligidas aos presos políticos e que se imponha ao fascismo uma verdadeira Amnistia.

ABAIXO A PIDE! AMNISTIA!

AUXÍLIO A «O CAMPONÊS»

Continuamos a publicar todas as notícias enviadas pelos nossos leitores e amigos.

Ódio a Salazar	4983
Pela Independência Nacional	15830
Pela Reforma Agrária	15830
Solidariedade para os presos políticos	75830
Total	151883

INDEPENDÊNCIA PARA AS COLÓNIAS

ABAIXO A GUERRA COLONIAL

São os trabalhadores. É a juventude é o povo que sofrem na sua própria carne as consequências de uma guerra de suicídio que Salazar impôs aos povos das colónias e ao povo português. São os trabalhadores, é o povo que vêm morrer ingloriamente os seus filhos por uma causa que não é a sua, que suportam o peso dos impostos, a subida do custo de vida, exploração desenfreada, repressão fascista. Há 4 anos que esta guerra sangrenta e perdida espalha dor e o luto por muitos milhares de lares.

O fim imediato das guerras de Angola, Guiné e Moçambique, a independência das colónias, o regresso dos soldados tornaram-se um imperativo nacional, uma aspiração profunda do povo português, aspiração que os candidatos da Oposição e outras forças democráticas, expressaram nos seus manifestos à Nação nas «eleições» de Novembro passado. Estas guerras são criminosas, são contra os povos. Há que lhes pôr fim! Os nossos filhos, os nossos soldados não vão defender nenhuns interesses da Nação. Eles vão para as colónias como carne de canhão para defenderem os lucros dos colonialistas tais como os da Companhia de Diamantes, do Banco Ultramarino, do Banco Atlântico; do Jorge de Melo, Espírito Santo, Delfim Ferreira, Henrique Teixeira; dos monopólios americanos, alemães, ingleses, franceses.

Os colonialistas não querem conceder a independência às colónias nem querem ouvir falar nisso. Eles fomentam intensamente uma propaganda imperialista, colonialista e racista através da Rádio, da Imprensa e discursatas.

Eles gritam que a «Pátria está em perigo!». Sim, na verdade a Pátria está em perigo! Porém esse perigo parte da existência do fascismo. Quem vende pedaços de território nacional ao estrangeiro para fins militares? Quem entrega as riquezas da Nação à pilhagem dos monopólios estrangeiros? Quem abdica cada vez mais da independência económica e política ante o estrangeiro? Quem envia dezenas de milhares de soldados para as colónias como carne de canhão? Quem intensifica a exploração dos trabalhadores a repressão contra o po-

vo, a ruína dos pequenos e médios produtores? O governo fascista de Salazar. A ameaça do perigo para a Pátria parte da sua política de traição nacional aberta. O perigo que o salazarismo vê é o fim do seu colonialismo.

A luta pela independência das colónias, pelo regresso dos soldados exige acções mais decididas. Os trabalhadores e os soldados não se podem limitar somente a estarem em desacordo. É necessário passar a acções superiores. A LUTA EXIGE ORGANIZAR MANIFESTAÇÕES JUNTO DAS CÂMARAS. DOS GOVERNOS CIVIS, DAS JUNTAS DE FREGUESIA, NOS LOCAIS DE EMBARQUE EXIGINDO O FIM DA GUERRA, O REGRESSO DOS SOLDADOS E A INDEPENDÊNCIA DAS COLÓNIAS; EXIGE DESTRUIR O MATERIAL MILITAR DESTINADO A GUERRA; EXIGE QUE TODOS OS PAIS E MÃES ACONSELHEM OS SEUS FILHOS A

RECUSAREM-SE A PARTIR PARA AS COLÓNIAS; EXIGE QUE OS SOLDADOS DENTRO DOS QUARTÉIS ORGANIZEM A LUTA E SE RECUSEM EM MASSA A EMBARCAR.

JOVEM TRABALHADOR DO CAMPO! Toma posição de luta aberta contra as guerras coloniais. Realiza reuniões e assembleias com outros jovens, esclarece-os do carácter criminoso de tal guerra. Faz reuniões com os jovens da tua terra que estejam na tropa e aconselha-os a desertar em massa. Diz-lhes: Amigo! recusa-te a partir como carne de canhão para as colónias! Não vás defender nada que seja do povo.

Os povos coloniais são nossos irmãos; eles lutam contra os mesmos opressores que o povo português; eles lutam pela Liberdade e Democracia tal como o nosso povo. Volta as armas contra os opressores dos povos das colónias e do povo português! Abaixo a guerra colonialista!

VIVA O 1º DE MAIO

(continuação da 1ª pág.)

do o Sul arrancaram aos agrários o horário das 8 horas. Consolidada essa grande vitória, reforçando cada vez mais a vossa Unidade e Organização.

O ano de 1966 é assinalado por um brutal agravamento das condições de vida das massas trabalhadoras. O custo de vida sobe assustadoramente. Tudo sobe, menos os salários. O governo de Salazar

descarrega para cima dos ombros dos trabalhadores com as consequências da grave crise em que o País se debate, com as consequências das criminosas guerras coloniais. Para esta situação só há uma resposta: ALARGAR E INTENSIFICAR A LUTA FIRME E ORGANIZADA. Que a comemoração do 1º de Maio seja um impulso ao desenvolvimcinto da luta.

Comemoremos o 1º de Maio

Este ano o 1º de Maio é um Domingo. Não podemos fazer paralisações de trabalho. Mas podemos, em cada terra, organizar piqueniques, pescarias, passeios e festas. Formemos grupos para organizar os festejos do 1º de Maio. Onde não for possível formar grupos, que os trabalhadores mais esclarecidos e combativos orientem os trabalhadores como devem festejar o 1º de Maio. Que passem a palavra de uns para os outros.

Aproveitemos os piqueniques, os passeios, para falar e combinar as condições e jornas para as ceifas, arrozais, tiradas de cortiça, carvoa-

rias e outros serviços.

Os jovens devem juntar-se para falar da luta contra as sangrentas guerras coloniais. Que todos os jovens se recusem a ser carne de canhão; que nos quartéis os soldados se organizem PARA DESERTAR EM MASSA.

Façamos do 1º de Maio um dia pelo reforço da Unidade dos trabalhadores, um dia de acções contra a vida cara, pela Liberdade, pela Ajuntista, contra as guerras coloniais, pela Democracia e pelo fim do fascismo.

VIVA O 1º DE MAIO!
ABAIXO O FASCISMO!